

San Giacomo

De Veneza para o mundo
/ From Venice to the World



VISTA DA INSTALAÇÃO DE/INSTALLATION VIEW OF EUN-ME AHN, *PINKY PINKY "GOOD,"* NA ILHA/ON THE ISLAND OF SAN GIACOMO, 2024

Veneza, há muito moldada pela visão de mulheres notáveis nas artes, acolhe agora um novo capítulo com a abertura formal da Ilha de San Giacomo – um museu concebido como um centro artístico vivo e permeável, onde as disciplinas dialogam e pensamento e forma se entrelaçam. A ilha volta assim a afirmar-se como um cadinho de novas constelações criativas. Neste contexto luminoso, Patrizia Sandretto Re Rebaudengo dá continuidade ao legado de liderança cultural feminina em Veneza, apresentando mais de trinta anos de compromisso com a arte, ao mesmo tempo que reimagina a ilha como um lugar onde investigação artística, envolvimento público e pensamento contemporâneo convergem.

É com grande entusiasmo que, de dois em dois anos, peregrino até Veneza, juntando-me a milhares de outros interessados para mergulhar no melhor que o mundo da arte tem para oferecer. Esta ilha luminosa inaugura este novo capítulo durante a 61.^a Bienal de Veneza com *In Minor Keys*, conceito de Koyo Kouoh – uma celebração silenciosa e ressonante de intensidades subtis e de múltiplas vozes. Aqui, como tem acontecido nas últimas décadas, são a força, a visão e a perseverança das mulheres que impulsionam a cultura, abrindo novos horizontes para a Sereníssima e para todos nós.

Venice, has long been shaped by the vision of formidable women in the arts, welcomes a new chapter with the formal opening of San Giacomo Island, a museum as a living, porous art center where disciplines converse and thought and form intertwine, the island once more becomes a crucible for new constellations of creativity. In this radiant context, Patrizia Sandretto Re Rebaudengo carries forward Venice's legacy of female cultural leadership, presenting over thirty years of commitment to art while reimagining the island as a site where artistic research, public engagement, and contemporary thought converge.

It is with great enthusiasm, I peregrinate every two years to Venice, joining thousands of fellow seekers to immerse myself in the very best the art world has to offer. This luminous island will launch this new chapter during the 61st Venice Biennale with *In Minor Keys* concept for by Koyo Kouoh – a quiet, resonant celebration of subtle intensities and multiple voices. Here, as it has been in these last decades, it is the strength, vision, and perseverance of women who propel culture forward, opening new horizons for the Serenissima and us all.

VERÓNICA DE MELLO: **Qual foi a história que a levou a escolher a Ilha de San Giacomo como localização para este projecto e qual foi o maior desafio na transformação de um espaço abandonado num centro cultural vivo?**

PATRIZIA SANDRETTO RE REBAUDENGO: Quando descobri a Ilha de San Giacomo, fui guiada sobretudo pelas sensações que o lugar me transmitia. Era um espaço suspenso, silencioso, com uma história muito antiga: tinha sido mosteiro, ponto de passagem de uma rota de peregrinação, horta e pomar, e posto militar. Depois veio o abandono. Esse espaço, tomado pela vegetação, estava denso de memória. Pareceu-me natural imaginar que poderia voltar a ser um lugar de acolhimento, reinterpretado de forma contemporânea. O maior desafio foi precisamente compreender como intervir sem trair a identidade da ilha. Ao longo dos anos enfrentámos dificuldades muito concretas – restaurar a arquitectura existente, criar infraestruturas, tornar o espaço seguro e acessível –, mas também assumimos uma responsabilidade mais profunda: interpretar as camadas históricas do lugar e respeitar a lagoa, com o seu ecossistema frágil e precioso. O meu principal foco foi a sustentabilidade, que se tornou também uma das características mais fortes e distintivas do projecto. Desde o início, a ilha foi concebida como um sistema de economia circular autossuficiente, alimentado por energia renovável, graças à colaboração e à experiência da Asja Energy, empresa liderada pelo meu marido, Agostino Re Rebaudengo. O conceito de sustentabilidade não se esgota na energia: para mim, é uma abordagem global que começa na relação com a forma natural da ilha e se estende a todo o projecto, ao papel da arte contemporânea, à acessibilidade pública e à relação com o extraordinário panorama cultural de Veneza, incluindo as suas exposições e bienais internacionais. A Ilha de San Giacomo foi concebida como um lugar vivo, pensado para acolher a investigação de gerações artísticas mais jovens e públicos diversos.

Quais são as principais preocupações do projecto e de que forma a estrutura do centro – especialmente as residências – apoia a investigação a longo prazo e o intercâmbio interdisciplinar?

A ilha não será um museu tradicional, mas sim um centro de arte concebido e organizado para acolher a pluralidade das linguagens contemporâneas – artes visuais, performance, dança e música – entrelaçadas com pensamento científico e reflexão ambiental. Não será apenas um destino a visitar, mas um espaço para habitar e experienciar. As residências são uma parte fundamental do projecto. Estar “em residência” permite valorizar os processos e a duração prolongada da investigação. Uma ilha, neste sentido, é um ambiente muito particular: obriga a abrandar, a concentrar-se, a construir relações. Interessa-me que artistas, curadores, bem como cientistas e investigadores, trabalhem em conjunto, partilhem ideias e produzam não apenas obras de arte, mas também pensamento. Em última análise, San Giacomo representa, para mim, isto mesmo: não apenas um projecto cultural, mas uma tentativa de imaginar uma forma diferente de estarmos juntos, entre natureza e cultura, entre arte e sociedade.

VERÓNICA DE MELLO: **What is the story that led you to choose the Island of San Giacomo as the location for this project, and what was the biggest challenge in transforming an abandoned space into a living cultural center?**

PATRIZIA SANDRETTO RE REBAUDENGO: When I first discovered the Island of San Giacomo, I was guided above all by the sensations that place conveyed to me. It was a suspended, silent place with a very ancient history: it had been a monastery, a stop along a pilgrimage route, a vegetable garden and orchard, and a military outpost. Then came abandonment. That overgrown space was dense with memory. It felt natural to imagine that it could once again become a place of hospitality, reinterpreted in a contemporary way. The greatest challenge was precisely understanding how to intervene without betraying the island's identity. Over the years we have faced very concrete difficulties and challenges – restoring the existing architecture, creating infrastructure, making the space safe and accessible – but we have also taken on a deeper responsibility: interpreting the historical layers of the site and respecting the lagoon, with its fragile and precious ecosystem. My main focus has been sustainability, which has also become one of the project's strongest and most distinctive features. From the outset, the island was conceived as a self-sufficient circular economy system powered by renewable energy, thanks to the collaboration and expertise of Asja Energy, the companies led by my husband Agostino Re Rebaudengo. The concept of sustainability does not end with energy: for me, it is an overall approach that begins with the relationship to the island's natural form and extends to the entire project, the role of contemporary art, public accessibility, and the relationship with Venice's extraordinary cultural scene, including its exhibitions and international Biennials. The Island of San Giacomo has been conceived as a living place, designed to host the research of younger artistic generations and diverse audiences.

What are the project's main concerns, and how does the structure of the center — especially its residencies — support long-term research and interdisciplinary exchange?

The island will not be a traditional museum but an art center conceived and organized to host the plurality of contemporary languages – visual arts, performance, dance, and music – interwoven with scientific thinking and environmental reflection. It will therefore be not just a destination to visit but a space to inhabit and experience. Residencies are a fundamental part of the project. Being “in residence” will allow importance to be given to processes and to the long duration of research. An island, in this sense, is a very special environment: it forces you to slow down, to focus, to build relationships. I am interested in artists, curators, as well as scientists and researchers, working together, sharing ideas, producing not only artworks but also thought. Ultimately, San Giacomo represents this for me: not just a cultural project but an attempt to imagine a different way of being together, between nature and culture, between art and society.



PATRIZIA SANDRETTO RE REBAUDENGO COM/WITH THOMAS SCHÜTTE, *NIXE*, 2021

A inauguração coincide com a Bienal de Veneza. De que forma este novo espaço dialoga com a cena artística global?

A inauguração terá lugar a 7 de Maio de 2026, durante os dias de abertura da Bienal de Veneza, um momento em que o mundo da arte converge na cidade. Esta coincidência oferece uma oportunidade única para a Ilha de San Giacomo se relacionar com a comunidade internacional de artistas, curadores, diretores de museus e fundações, e, claro, com um público mais vasto de entusiastas. Já tínhamos aproveitado esta sobreposição valiosa ao organizar performances de Jota Mombaça durante a abertura da Bienal de 2022 e de Eun Me Ahn na edição de 2024. No dia 7 de Maio, teremos a oportunidade de apresentar o programa de San Giacomo no coração deste contexto expositivo vibrante. A ilha oferece à Fundação Sandretto Re Rebaudengo um nível de visibilidade que complementa os seus espaços em Turim e Guarene, nas colinas de Langhe e Roero, no Piemonte. Esta pequena ilha na lagoa será um centro de experimentação enraizado localmente, mas simultaneamente aberto e conectado – a Veneza e ao mundo.



GOSHKA MACUGA, *GONOGO*, NO PÁTIO DO/IN THE COURTYARD OF PALAZZO STROZZI, FLORENCE, 2023

The opening coincides with the Venice Biennale, how does this new space engage in dialogue with the global art scene?

The inauguration will take place on May 7, 2026, during the opening days of the Venice Biennale, a moment when the global art world converges in the city. This timing offers a unique opportunity for the Island of San Giacomo to engage with the international community of artists, curators, museum and foundation directors, and of course a wider audience of enthusiasts. We had already taken advantage of this valuable overlap by organizing performances by Jota Mombaça during the 2022 Biennale opening, and by Eun Me Ahn for the 2024 edition. On May 7, we will have the opportunity to share San Giacomo's program at the heart of this vibrant exhibition context. The island provides the Sandretto Re Rebaudengo Foundation with a level of visibility that complements its venues in Turin and Guarene, in the Langhe and Roero hills of Piedmont. This small island in the lagoon will be a locally rooted center of experimentation, while at the same time open and connected – to Venice and to the world.

Escolheu inaugurar com Matt Copson e uma comissão permanente de Hugh Hayden. Que fio condutor liga estas escolhas à missão de apoiar novas gerações e como será a programação da ilha?

No dia 7 de Maio inauguraremos uma exposição individual de Matt Copson, com curadoria de Hans Ulrich Obrist, uma exposição colectiva com uma selecção de obras da Coleção Sandretto Re Rebaudengo, uma série de instalações ao ar livre e um destaque para as campanhas fotográficas de Giovanna Silva e Antonio Fortugno, convidados a documentar o estaleiro desde 2022. Através da Coleção, trago e apresento em Veneza a história de mais de trinta anos de compromisso com a arte; através das exposições e instalações, reafirmamos o foco duradouro da Fundação na encomenda e produção – aqui, mais do que nunca, numa lógica site-specific.

Tudo muda com a dimensão exterior da Ilha de San Giacomo?

Os espaços exteriores assumem, assim, um papel central, acolhendo um jardim de esculturas pensado para dialogar com a ilha e a lagoa, criando uma paisagem nova e em constante evolução. As primeiras instalações são de Claire Fontaine, Mario García Torres, Hugh Hayden, Goshka Macuga, Pamela Rosenkranz e Thomas Schütte. O que une o programa inaugural é uma atenção às formas de expressão e a artistas que se relacionam criticamente com o presente. O apoio às gerações mais jovens mantém-se central na nossa missão; a pluralidade de meios – desde os mais tradicionais, como a pintura e a escultura – reflecte a abordagem de uma instituição que, desde a sua fundação em 1995, confia na capacidade da arte para gerar intercâmbios dinâmicos e intergeracionais, abrangendo um vasto espectro de temas, conteúdos e linguagens.

Quais são os planos para o futuro? Haverá relação com o espaço de Turim?

No futuro, a ilha acolherá um programa que combina exposições, encomendas, performances, residências de investigação e produção. Haverá naturalmente uma forte continuidade com o espaço de Turim, com projectos e ideias a circular entre as duas estruturas, permitindo, ainda assim, que cada lugar cultive e desenvolva a sua própria identidade em relação ao seu contexto específico. ^A

You have chosen to inaugurate with Matt Copson and a permanent commission by Hugh Hayden. What common thread connects these choices with your mission to support new generations, and what will the programming of the island be like?

On May 7, we will inaugurate a solo exhibition by Matt Copson curated by Hans Ulrich Obrist, a group show featuring a selection of works from the Sandretto Re Rebaudengo Collection, a series of open-air installations, and a focus on the photographic campaigns by Giovanna Silva and Antonio Fortugno, who have been invited to document the construction site since 2022. Through the Collection, I bring and present in Venice the history of over thirty years of commitment to art; through the exhibitions and installations, we reaffirm the Foundation's longstanding focus on commissioning and production – here more than ever in a site-specific mode.

Everything changes with the outdoor opportunity in San Giacomo Island?

Outdoor spaces therefore play a central role, hosting a sculpture garden designed to engage in dialogue with the island and the lagoon, creating a new and ever-evolving landscape. The first installations are by Claire Fontaine, Mario García Torres, Hugh Hayden, Goshka Macuga, Pamela Rosenkranz, and Thomas Schütte. What unites the opening program is an attention to forms of expression and to artists who critically engage with the present. Supporting younger generations remains central to our mission; the plurality of media – from traditional ones such as painting and sculpture onward—reflects the approach of an institution that, since its founding in 1995, has always relied on art's ability to generate dynamic, intergenerational exchanges across a wide spectrum of themes, content, and languages.

What are the future plans? Will there be a relation with the Turin venue?

Looking ahead, the island will host a program that combines exhibitions, commissions, performances, research and production residencies. There will naturally be strong continuity with the Turin venue, with projects and ideas circulating between the two structures, while still allowing each space to cultivate and develop its own identity in relation to its specific context. ^A